

ENVELHECIMENTO: UMA CONCEPÇÃO DO DESENVOLVIMENTO COMO INACABADO

AGING: AN UNFINISHED CONCEPTION OF DEVELOPMENT

*Minéia Carvalho Rodrigues*¹

RODRIGUES, M. C. Envelhecimento: uma concepção do desenvolvimento como inacabado. Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum., São Paulo, 12(1), 2002.

Resumo: Este texto propõe reflexões a respeito do desenvolvimento humano, considerando-o como um processo complexo e dinâmico de perdas e ganhos, trazendo uma discussão a respeito da continuidade do desenvolvimento no processo de envelhecimento. Conclui que este contínuo processo faz com que o homem permaneça inacabado, sendo que a consciência do mundo e de si como ser em constante reconstrução mantém o indivíduo em um permanente movimento de busca.

Palavras-chaves: desenvolvimento; envelhecimento; inacabamento.

O desenvolvimento humano tem sido um tema amplamente debatido ao ser confrontado com os desafios enfrentados pela sociedade brasileira contemporânea. Tais debates estão sendo acompanhados por um aumento de pesquisas relacionadas à velhice bem como das transformações referentes às experiências de envelhecimento.

O desenvolvimento, no decorrer de séculos, foi entendido ocorrer por padrões universais de estágios, como infância, adolescência, vida adulta e envelhecimento. THOMPSON (apud DEBERT, 1999) aponta para as armadilhas que esta idéia de estágios de desenvolvimento prepara: as teorias clássicas de desenvolvimento, descrevendo-o através de padrões ordenados e universais de mudanças, onde as seqüências de estágios presentes na vida são vistas através de parâmetros geneticamente determinados, atribuem importância limitada às influências iniciadas depois da adolescência por acreditar que após esta etapa ocorre um declínio no desenvolvimento.

Em decorrência, este tipo de pesquisa oferece pouca atenção à possibilidade de crescimento e desenvolvimento nos últimos anos da vida. No caso das pessoas idosas, as pesquisas em relação ao desenvolvimento enfatizam esta fase da vida como um período de perdas de declínio. *“Constata-se... um negativismo implícito em muitas abordagens sobre o envelhecimento. Há um viés na literatura que exclui o potencial individual e a capacidade para o desenvolvimento; auto-realização e crescimento na vida adulta avançada.”* (DEPS, 1993,p.71).

Estas pesquisas contribuem para formação de uma visão negativa em relação ao desenvolvimento, propiciando a elaboração de estereótipos em relação ao idoso, visto como um indivíduo incapaz de produzir, criar, elaborar.

Muitos destes estudos se pautam em aspectos biológicos, gerando conceitos que enfatizam apenas o processo de perdas. Assim, segundo CARVALHO FILHO & ALENCAR (

¹ Mestranda em Educação Física - Faculdade de Educação Física - UNICAMP. Professora do curso de Educação Física do Campus Jatai - UFG. E-mail: carvalho@jatai.ufg.br

1994), o envelhecimento é um processo dinâmico e progressivo no qual ocorrem modificações tanto morfológicas como funcionais, bioquímicas e psicológicas, que determinam progressiva perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-los à morte. Ou: “*No ciclo biológico do homem, a velhice leva a desvantagem de ser a última fase, a do declínio, a do retorno inexorável à mãe terra. Sustar esse mecanismo será, talvez, atentar contra as leis naturais.*” (QUEIROZ, 1999, p.47).

O envelhecimento entendido dentro de aspectos biológicos e cronológicos iguala todos os indivíduos, de todas as nações, de todas as culturas, de todos os tempos, não permitindo a manifestação de diferentes processos. Nesta homogeneização, o processo de envelhecimento está pautado apenas por perdas físicas, cognitivas, fisiológicas e sociais.

Contudo, enfatizar apenas os aspectos negativos do envelhecimento, considerando somente as perdas, é olhar parcialmente para o desenvolvimento do indivíduo ignorando uma série de processos que podem levá-lo a desenvolver-se. Conseqüentemente, teorias tradicionais que homogeneizam e biologizam o desenvolvimento humano vêm sendo questionadas e repensadas por uma série de estudiosos.

“*Nos séculos XVIII e XIX e na primeira metade do século XX, existiram pioneiros de uma visão de ciclo de vida, que entendiam que a referida metáfora e as teorias tradicionais de mudança ordenada eram insuficientes para explicar o desenvolvimento ao longo de toda a duração da vida humana. Nos anos 50 e 60, cientistas da Europa Ocidental e dos Estados Unidos começaram a desenvolver programas de pesquisa, seminários, congressos, publicações e cursos universitários sobre a vida adulta e a velhice com base nessa perspectiva*” (NERI, 2001, p.24).

Para uma nova vertente de estudos a respeito do desenvolvimento na vida adulta e na velhice, o desenvolvimento constitui um processo dialético, referendado por um conjunto dinâmico de perdas e ganhos.

Tais estudos tendem a considerar o desenvolvimento em termos de estágios descontínuos, em que qualquer fase da vida humana deve ser analisada de forma dinâmica e contextualizada, contemplando as experiências pessoais de cada indivíduo, o contexto social e cultural no qual se insere, bem como suas expectativas para o futuro.

A psicologia do desenvolvimento constitui uma área que tem contribuído para a alteração das concepções em relação ao desenvolvimento

humano e envelhecimento, propondo que tanto o envelhecimento quanto o desenvolvimento são processos normais que envolvem tanto ganhos quanto perdas.

De acordo com NERI (2001), no estudo da psicologia da vida adulta e da velhice adota-se atualmente o conceito, contrário à concepção clássica, de que tanto o desenvolvimento quanto o envelhecimento são processos adaptativos. Considera-se que ambos estão presentes ao longo de todo o curso da vida e comportam uma tensão constante entre ganhos e perdas. Todavia, admite-se que, na infância, existe maior probabilidade de alterações evolutivas, comumente identificadas como ganhos e, na velhice, aumenta a probabilidade de mudanças identificadas como perdas, justamente porque o desenvolvimento é referenciado a normas compatíveis com o funcionamento do adulto sadio, produtivo e envolvido socialmente. A mesma autora aborda a necessidade de considerar o desenvolvimento como um processo multidirecional e multifuncional, no qual não há ganhos sem perdas, e que tanto o desenvolvimento como o envelhecimento são processos heterogêneos.

Uma visão heterogênea do desenvolvimento e envelhecimento nos permite mostrar as diferenças existentes entre os diversos indivíduos em razão do seu percurso diferenciado de vida. As pessoas possuem experiências sociais distintas umas das outras, personalidades diferenciadas, experiências de vida individuais que, apesar de serem compartilhadas com outras pessoas do seu convívio, fornece-lhes uma certa individualidade. Esta heterogeneidade é característica do ciclo vital dos indivíduos, que não seguem o mesmo caminho, conferindo a cada indivíduo uma identidade própria. Assim, a idéia de que os idosos são todos iguais é equivocada.

O processo de envelhecimento pode ser compreendido através de uma dimensão de movimento, do fluir da vida e das possibilidades de desenvolvimento. Pensamos o desenvolvimento como um aspecto evolutivo multilinear que ocorre de forma dinâmica passando por influências sociais e culturais e que, portanto, não possui um aspecto universal. Assim como para IWANOWICZ (2000), a análise da relação entre o envelhecimento, o trabalho e o lazer necessariamente deve ser orientada pela perspectiva, não de declínio, mas de desenvolvimento contínuo da pessoa ao longo da sua vida.

Ao discutirmos o processo de envelhecimento enquanto possibilidades de desenvolvimento, não temos a intenção de mascarar os problemas que ocorrem com esta parcela da população. Sabemos que existem alterações biológicas, psi-

cológicas e sociais. Entretanto, tais alterações ocorrem em todo transcurso de nossa vida sem serem notadas. Por que enfatizar este processo de alterações apenas em uma etapa da vida (velhice), sendo que ele ocorre continuamente?

Como o processo de trocas é contínuo em nossas vidas, o ser humano não tem limites para o seu desenvolvimento, sendo, portanto, um ser inacabado. Neste momento, chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido: o inacabamento do ser humano *“com o fim das certezas e a irrupção das incertezas, penso que se deva recuperar a idéia do devia, do sendo, do tornar-se, da inconclusão, do inacabamento essencial”* (ZUBEN, 2001, p. 169).

Como FREIRE (1996), consideramos os homens seres históricos e inacabados, que estão em constante desenvolvimento e aprendizado, em quem o cérebro continua se desenvolvendo, mesmo após a infância e juventude (PETRAGLIA, 1995).

Este inacabamento não é característico apenas dos homens; os animais, a natureza, a terra, também o são, sendo a inconclusão um fenômeno natural e vital.

“Inconclusos somos nós, mulheres e homens, mas inconclusos são também as jaboticabeiras que enchem, na safra, o meu quintal de pássaros cantadores; inconclusos são estes pássaros como inconcluso é meu pastor alemão, que me ‘saúda’ contente no começo das manhãs” (FREIRE, 1996, p. 60-61).

Onde há vida, existe inacabamento, e mesmo uma pedra que não possui vida, é um objeto inacabado em constante reconstrução pela vida existente ao seu redor. O inacabamento está presente por toda parte, mas apenas os homens têm consciência do seu inacabamento. Por ter consciência de sua infinitude, têm necessidade de intervir em sua realidade, de se construir e, ao mesmo tempo, construir o mundo no qual vive.

A consciência do mundo e de si como ser em constante reconstrução fazem com que o indi-

víduo se mantenha em um permanente movimento de busca. *“Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento”* (FREIRE, 1996, p. 64). Esta busca impulsionadora do desenvolvimento humano se faz presente no estabelecimento de novas metas, em novos objetivos a serem alcançados, em novos conhecimentos a serem adquiridos e repassados, através de uma abertura para o mundo em que não encontraremos o final, uma vez que este movimento de busca não tem ponto final, *“tanto individual quanto socialmente, a vida dos homens dentro da dialética é sempre totalização em curso, sem jamais ser totalidade acabada; por isso, a entrada na vida não se faz como passagem de um estágio a outro, mas como um enfrentamento que não tem mais ponto final”* (OLIVEIRA, 1999, p. 46).

Pelo fato de o homem se saber inacabado, devemos proporcionar a sua inserção em um permanente processo de busca pelo conhecimento existente no mundo que o rodeia, de forma a instigar a curiosidade como ponto fundamental na produção do conhecimento que, por sua vez, também é inacabado.

“É na inconclusão do ver, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis. mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alcança a esperança” (FREIRE, 1996, p. 64).

Neste sentido, a educação como processo permanente tem o desafio de levar o ser humano a “ser mais”, a ser sujeito de sua própria educação, a estar em constantes questionamentos, buscando respostas e perguntas à sua vida, fundamentais ao seu desenvolvimento.

Abstract: This article proposes some reflections on human development, considering it as a dynamic and complex process, and presenting a discussion about the continuity of development in the aging process. It concludes that through this continuous process man becomes an unfinished being, and that his awareness of the world and of himself as a being in continuous reconstruction maintains the individual in a permanent search.

Key-words: development; aging; incompleteness.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO FILHO, E. T.; ALENCAR, Y. M. G. Teoria do envelhecimento. In: CARVALHO FILHO, E. I. (Org.). *Geriatrics. fundamentos, clínica, terapêutica*. São Paulo: Atheneu, 1994, p. 1-8.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice, socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1994.
- DEPS, V. L. Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: NERI, A. L. (Org.). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas - SP: Papyrus, 1993.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- IWANOWICZ, J. B. O lazer do idoso e o desenvolvimento prosocial. In: BRUHNS, H. T. (Org.). *Temas sobre lazer*. Campinas - SP: Autores Associados, 2000.
- NERI, A. L. O fruto dá sementes: processo de amadurecimento e envelhecimento. In: São Paulo: Sesc, 1999. NERI, A. L. *Maturidade e velhice. trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas - SP: Papyrus, 2001.
- OLIVEIRA, P. d. S. *Vidas compartilhadas: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- PETRAGLIA, I. C. *Edgar Morin. a educação e a complexidade do ser e do saber*. 5ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1995.
- QUEIROZ, J. R. Barreira à integração social do idoso. In: *A terceira idade*. São Paulo: SESC, dez. 1999. Ano X, nº 8, p.45-57.
- ZUBEN, N. A. V. Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o significado da finitude. In: NERI, A. L. (Org.). *Maturidade e velhice. trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas - SP: Papyrus, 2001.

Recebido em 18/01/2002
Aprovado em 15/03/2002